

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas
Comandante Louis Darget - Visões em estado de vigília

Extraídos da obra
Gabriel Delanne - G. Bourniquel - Escutemos os Mortos

V

Visões em estado de vigília

Duvidar de tudo ou crer em tudo,
essas são duas soluções igualmente cômodas,
que, tanto uma quanto a outra, nos eximem de refletir.
Henry Poincaré

A primeira visão de Albertine remonta ao ano de 1919. Ela se encontrava na casa do comandante Darget onde os amigos habitualmente reuniam-se todas as semanas. Para sua grande surpresa, ela viu formas humanas se apresentarem ao lado de uma das assistentes.

“Madame, disse ela a essa última, há crianças ao seu lado. Eu vejo um jovem homem atrás da senhora. Ele se chama Pierre. É seu filho mais velho.

- Sim, é verdade; pergunte a ele se ele pode me dizer onde está Georges?

- Pierre responde: mamãe, é uma prova; a senhora terá uma visão em sonho e verá onde está Georges.”

Ainda que impressionada pelo imprevisto dessa manifestação, Albertine

não sentiu nenhum pavor; há muitos anos seu guia Camillo lhe disse que ela iria adquirir essa faculdade e ela estava algo preparada. Mesmo que as informações dadas nessa primeira sessão tenham sido pouco numerosas, sua exatidão foi para ela um encorajamento precioso.

Desde esse momento, as visões se repetiram a cada reunião. Nós não levantamos todas, é claro; nos contentamos em recolher as mais características evitando, assim, cair em fastidiosas repetições.

Importante circunstância a observar: naquela época, Albertine aleitava seu filho. Durante a gravidez e o aleitamento, ela não teve uma incorporação sequer; não teve nada além de visões, como se uma força superior tivesse tido a providência de não sobrecarregar a mamãe. Ela só começou a incorporar quando parou a amamentação do filho. No começo dessas experiências, seu peso normal era de 47 kilos; depois de três anos de trabalho mediúnico ela pesa 57. Prova da inocuidade da mediunidade, quando é bem dirigida.

Outra visão na casa do comandante Darget

“Eu vejo junto a senhora, disse ela a Sra. Capéra, um jovem homem com uma jaqueta, polainas, moreno, cabelos grisalhos e abundantes; ele me disse que se chama Marcel. É um parente seu.

- Sim.

- Cometeu suicídio. Ele tem na têmpora uma mancha negra produzida por uma bala de revólver. Ele sofria de neurastenia. Matou-se longe; eu vejo um bosque. Ele tem na mão um plano de horários de trem. Seus pais eram muito religiosos e ele deixou a casa acreditando assim causar menos tristeza”.

Albertine dá a data do falecimento, que se reconhece ser exata, assim como as informações acima, depois ela continua:

“Foi uma pessoa sem ocupação. Ele caçava. Vejo um *basset* branco com manchas alaranjadas e um outro cachorro maior. Ele deve ter cometido suicídio indo à caça”.

Esses detalhes eram igualmente exatos. Na véspera do suicídio, Marcel tinha pego um plano, como que para se informar do horário dos trens e fazer crer a seus pais que ele ia viajar.

(Na casa do comandante, Darget).

Visões do general Fix e de Papus:

(Na casa do comandante Darget).

“Eu vejo um senhor alto, magro, por volta de 80 anos, atrás dessa dama”.

A dama assim designada é muito forte e Albertine não a conhece.

O comandante Darget insiste:

“Quem é?

- Escuto...Fix.

- Ah! É o general Fix; muito bem, mas ele não deve estar só. Repare bem.

- Sim, vejo agora uma outra forma: um homem com uma barba negra mesclada de pelos brancos; altura mediana, corpulento, olhos grandes e salientes, uma boca volumosa; eu vejo uma bola luminosa sobre a cabeça. De seus dedos saem raios. Ele devia ser médium.

- Insista; talvez ele diga seu nome.

- Eu vejo escrito: Papus”.

Sra. Darget, que é uma excelente vidente, confirma essa visão. Albertine retrança, então, a vida íntima de Papus, que ela não conheceu, com grande abundância de detalhes íntimos; esses detalhes são declarados exatos pela dama forte que é a própria Sra. Encausse, igualmente desconhecida pela médium.

Eis agora alguns extratos de processos verbais, relatando visões que Albertine teve no salão da Sra. Capéra.

Reunião de 13 de outubro de 1919

A médium vê ao lado da Sra. B... um militar graduado, jovem, muito grande e muito forte, bem afeiçoado, olhos claros, cabelos penteados para trás, fronte alta e desembaraçada; ela diz que ele deve ter sido morto instantaneamente, sem ter tido tempo de sofrer. Sinto que esse militar insiste, pois ele quer trazer-lhes esse pensamento doloroso. – Eu vejo agora uma outra pessoa ao lado desse militar: homem de idade, cabelos

brancos; deve ter morrido por volta de 55 anos, mas parecia mais velho. Foi casado e creio que era da mesma família do militar. Esse deve ser seu pai”. A sra. B reconhece como perfeitamente exato tudo isso que foi dito.

“A médium vê em seguida diante da sra. D... um senhor idoso parecendo ter 75 anos, segurando uma bengala que lhe servia para tentar andar, como um cego ou um enfermo; é um militar aposentado; ele é calvo, magro, algo baixo; não morreu em Paris. Eu o vejo numa propriedade do Sul, onde morreu. Eu o vejo numa poltrona de vime, na qual ele costumava ficar. Ele esfrega as mãos e espera que uma de suas filhas leia o jornal para ele. É a mais nova que era encarregada de seu cuidado; a senhora, a senhora era a mais velha.

“A médium indica a data da morte e vê, em seguida, uma jovem mulher colocando sua mão sobre o ombro do senhor com um ar protetor. Essa jovem mulher deve ter morrido de uma doença no ventre ou no pós-parto. – A sra. D. reconhece sua mãe, morta no parto, mas ela se espanta que ela apareça assim tão jovem, ao lado de seu pai morto já idoso. A médium responde que sua mãe não envelheceu no mesmo tempo que seu pai, uma vez que o espírito se mostra tal qual era no momento da morte.

Nesse momento, como para dar uma explicação, o senhor idoso se reapresenta como fora aos 30 anos, oficial com o patente de capitão que ele tinha quando se casou e que estabeleceu uma base militar no Sul. Todos os detalhes acima são reconhecidos exatos pela sra. D”.

Observemos que o pai da sra. D., a princípio se apresenta como era quando tinha 75 anos, depois quando tinha 30 anos. Eis a explicação desta estranha faculdade: o perísprito possui o poder de retomar um instante, sob a influência de sua própria vontade, uma das formas que o constituíram durante sua vida terrestre. Ele pode reconstituir seja como criança, seja como adulto, seja como idoso, todas as etapas de sua existência passada. Esse é um fenômeno de ideoplastia que é completamente geral e que todos os bons médiuns videntes constataram. Existem casos onde o espírito materializado pôde retomar sob os olhos dos assistentes a forma que ele tinha não no momento da morte, mas quando estava na flor da idade (caso Brackett).

Continuemos a folhear o registro dos processos verbais obtidos na casa da sra. Capéra.

Reunião de 27 de outubro de 1919

“A médium em estado de vigília viu um homem jovem parecendo ter 20 anos e um militar parecendo ter 45 anos. Aos sinais dados, a sra. Meis... reconheceu seu filho e seu marido, mortos há poucos dias; o primeiro não tinha mais que 17 anos e o segundo 39, mas quando vivos pareciam mais velhos. O filho se apresentou de modo muito característico, com um cinto sobre uma jaqueta civil, coisa muito exata que ele fazia quando vivo para provocar sua mãe. A médium então viu uma pessoa de idade, parecendo 60 anos, pequena, gorda, com as mãos sobre o ventre, cabelos com um lenço à moda de Gascogne. A sra. Meis... reconheceu sua mãe que usava os cabelos assim e costumava fazer essa pose.

“Em seguida, a médium vê no meio do salão uma máquina de escrever rodeada de um bocado de papéis; ela viu uma forma feminina loura, parecendo ter 25 anos, mas era uma visão de uma pessoa viva. Trata-se de uma órfã cujos pais morreram em Paris; ela recebe um bocado de papéis para copiar, como faturas. A sra. Capéra se lembra que uma jovem amiga, correspondendo a essa descrição, procurava emprego em sua casa. A médium declara que ela conseguiria. (No final de sessão, uma jovem entra e a médium a reconhece como sendo a que ela acabou de falar. No dia seguinte, a sra. Capéra observa que a jovem tinha comprado uma máquina de escrever e mais tarde ela entendeu que teria mais trabalho do que poderia dar conta).

“Em seguida, a médium vê um senhor de paletó com um ar de gerente de hotel, com guardanapos sob o braço que ele arrumava depois sobre uma mesa como se colocasse um talher, e morre subitamente. Ela acrescenta que vê um fogão. A sra. Dag... declara ter conhecido esse senhor, que morreu asfixiado com sua mulher, devido a ruptura de um cano de gás.

“Depois de um instante, a médium viu perto da sra. Jac... um soldado que portava dois objetos feitos com projéteis. A sra. Jac... se lembra que um dos últimos presentes relatados do *front* para seu filho a sua mulher foi precisamente dois vasos feitos com projéteis, e se tratava tanto desse filho que ele disse seu nome a médium, pedindo-lhe para dizer a sua mãe que se aproximasse o máximo possível de sua mulher”.

Como se vê, essa jornada foi bem cheia. A apontar particularmente a

visão da moça ainda viva. É um fato frequente que não pode se explicar de outro modo senão pela telepatia; a moça em questão estava preocupada pelo desejo de comprar uma máquina de escrever e o medo de não conseguir; seus pensamentos trouxeram impressões ao cérebro da médium; esta viu ao mesmo tempo a pessoa preocupada e aquilo que era objeto de suas preocupações. A visão era incrivelmente nitida, de modo que alguns instantes depois a médium reconheceu, no momento em que ela entrou no salão e antes que alguém falasse, essa moça que ela não conhecia.

Reunião de 10 de novembro de 1919

“A médium vê perto da sra. Vi... um senhor de cabelos compridos, por volta de 40 anos de idade, que se aplicava ou que alguém lhe aplicava injeções. Como a sra. Vi... não reconhecia o espírito e a médium sofria, a sra. Vi... lhe aconselha abandonar essa visão. No final da sessão, o mesmo espírito estava perto da sra. Vi... e a médium, insistindo, disse que ele certamente veio para aquela senhora. Ela acrescenta que era um morfinomaniaco, que ele estava com uma camisa de dormir na qual estava marcada a inicial R. A sra. V. se lembra subitamente de um doutor Raymond (O nome do doutor é alterado), que ela tinha conhecido em outros tempos e que morreu há 20 anos ou menos, daí não ter pensado nele. – A médium afirma então que o doutor tinha feito seus estudos em Montpellier e que morou em Montmartre. Aqui, informações íntimas. – A médium viu um menino e uma jovem mulher, filho e mulher do doutor.

Em seguida, ela viu o jovem homem como soldado. O filho do doutor R. está no serviço militar atualmente”.

Ainda aqui notamos a faculdade do espírito desencarnado de poder se mostrar em diferentes idades da sua existência terrestre. Nós jamais tínhamos observado esse fenômeno curioso, uma vez que se tratava de pessoas encarnadas vistas por telepatia.

Reunião de 22 de dezembro de 1919

Processo verbal redigido pela sra. Darget.

“Reunidos em torno de vinte pessoas na casa da senhora Capéra, em torno de uma mesa que a anfitriã dizia ser muito velha, eu brinquei: a minha é ainda mais velha; ela era usada no ano de nascimento do meu avô, em 1793.

“A médium diz, então: Seu avô foi soldado, de início; ele só se casou quando voltou a ser civil; ele teve muitos filhos, mas não criou mais que cinco, dos quais o primogênito é uma filha e o mais jovem, um menino.

“- Tudo isso é perfeitamente exato, respondi; depois, a médium me descreveu meu avô, mas não o tendo conhecido, não pude controlar como em relação às visões precedentes. Marquei somente essa particularidade que eu conhecia de meu avô, que ele era absolutamente barbeado e não tinha sequer um bigode.

“Eu disse, então: como a senhora vê tão bem essa família, veja o que aconteceu particularmente a um dos filhos.

“ – Ah! disse ela, é uma menina! Eu a vejo como um grande embrulho, não podendo respirar; é certamente um acidente, mas não vejo qual.

“ – Muito bem, disse eu; é de fato uma jovem morta, queimada viva aos 19 anos, e a senhora a vê como um pacote porque, na verdade, ela foi envolvida com algodão sobre todo o corpo, que era todo ferida.

“ – Mas, segue a médium, ela se chamava Berthe e o que eu vejo é muito singular: ela e a senhora são a mesma pessoa.

“ – Ah! disse eu, Então, ela reencarnou na casa de sua irmã (na família de sua irmã) e mentalmente eu fiz a conta dos anos. Essa tia morreu três anos e meio antes de eu nascer; então isso é totalmente possível. Eu não a conheci e não sei a terrível causa de sua morte senão pelo que me disseram minha avó e minha mãe. O que sei é que eu tenho o mesmo nome que ela, Berthe. Como na minha família não se conhecia a doutrina espírita e as reencarnações, ninguém jamais pensou nisso; evidentemente, o controle não pode ser feito, como fiz o da primeira parte da visão, que é de uma exatidão incrível”.

O que há de particular para ser notado nessa manifestação é que a visão do avô foi provocada por um pensamento da senhora Darget; ele respondeu ao seu chamado involuntário, instantaneamente, como

acontece muito frequentemente nas incorporações; isso parece dar razão a hipótese espírita. Entretanto, nós não a deduziremos daqui, nem a deduziremos todas as vezes que se puder explicar os fatos por um fator puramente humano; esse fator é, mais geralmente, a telepatia.

Reunião de 23 de fevereiro de 1920

“A médium vê diante da sra. Al... uma parteira e lhe pergunta se ela conheceria alguma. Como a resposta é negativa, ela acrescenta: entretanto, ela está lá para alguma coisa, porque ela parece ter uma criança em seu avental. A senhora não teve um filho que não vingou?

“A sra. Al... responde que, de fato, ela teve um filho, mas, acompanhado pela parteira, a criança morreu, tendo sido feito muito lentamente o trabalho.

“A médium acrescenta: a senhora tem uma outra criança, uma filha.

“-Sim.

“-E, bem, o primeiro filho reencarnou na outra; o filho se tornou uma filha.

“Aí, a sra. Al... exclama que sua filha, quando criança, tinha apenas gostos de menino; nunca bonecas, mas armas, espadas, tambores, quepes, soldados de chumbo, e que ela até os 25 anos apresentou uma aparência e gostos pouco femininos.

“A médium pergunta ainda a sra. Al... se ela conhece alguém com o nome de Louis; é o nome do menino do laboratório do meu marido, responde a senhora.”

Os pressupostos da reencarnação não são suficientemente estabelecidos na visão acima e não se pode, é claro, dizê-los senão para efeito de registro.

Reunião de 23 de março de 1920

“A senhora Capéra chama sua empregada doméstica que se senta emudecida e cai em lágrimas; depois de um instante, a médium diz que ela foi vítima de um roubo; que lhe tomaram um espartilho, roupa, relógio de prata e dinheiro, ao menos duzentos francos. Isso estava exato

e a médium não tinha tido conhecimento desse roubo que aconteceu poucas horas antes. A médium diz também que ela via o patamar onde dava este quarto, que é o último à direita, no corredor. Ela acrescenta que a ladra, que não tem aí seu primeiro furto, levou o material roubado na rua Borca. Ela diz que o pequeno relógio tem um desenho algo especial, que parece um coração. A empregada diz que, na verdade, é um relógio que seu irmão lhe trouxe da Alemanha, onde ele foi prisioneiro de guerra, e que o desenho é um coração rodeado de flores.”

Visões na casa do sr. Piart

O sr. Piart, que mora em Sant-Denis, 16, rua das Ursulines, redigiu os dois relatórios que seguem, relativos à visões de Albertine, que a ele concernem.

“30 de outubro de 1920. – A médium vê um jovem homem que escreve seu nome: Marcel; ele é meu sobrinho, que morreu na guerra. Ele apresenta uma foto de uma jovem mulher que se casou há pouco tempo; mas, não querendo ou não podendo indicar o país onde ocorreu o casamento, ele mostra uma extensão de água. De fato, foi às margens do Marne que a cerimônia aconteceu (casamento de sua irmã). Ao lado de meu sobrinho, a médium vê um homem parecendo ter 55 anos, grande e muito forte, que se chama Jules. É meu nome e meu cunhado era muito forte. A médium me diz: ‘Ele foi pescador? Ele me mostra um monte de peixes’; não, meu cunhado não era pescador, mas toda sua vida ele fez latas de estanho e sondava as tampas com os peixes nas latas.

Jules Piard”.

“6 de novembro de 1920. – A médium viu o marido da senhora D..., falecido, disse seu nome e também o da sra. D... Ela apontou a doença do falecido e mencionou uma sangria feita no doente antes de sua morte.

Jules Piard”.

Sessões na casa de Camille Flammarion

Em abril e maio de 1922, Albertine fez, na casa de Camille Flammarion, uma série de sessões privadas que interessam, e das quais estão aqui um

resumo.

27 de abril. – Albertine vê um grande número de pessoas agrupadas, antigos amigos da casa e que continuam a visitá-la depois da morte. Os rostos têm a aparência que tinham em vida, mas a formação dos corpos está incompleta: a maioria dentre eles é simplesmente materializada até a cintura. A médium distingue um, ao qual ela denomina Didier: “É, diz ela, aquele que foi seu primeiro editor com a Pluralidade dos mundos habitados. Ele parece ter 70 anos; morreu em 1865, no mês de dezembro; sua morte foi súbita em um ônibus (Ligeiro erro: Didier morreu na estação de ônibus da praça Saint-Michel). Ele usa uma barba branca longa; é calvo, com uma coroa de cabelos brancos. Agora, acrescenta ela, vejo uma mulher alta, magra, por volta de 80 anos. Ela deve ter morrido de um ataque; ouço o nome Sylvie... Pétiot. Ela escrevia com seu marido, o ajudava em seus trabalhos.

“- Onde ela morava?

“- Em Juvisy. Ela foi enterrada lá.

“- Como se chamava o marido dela?

“- Flammarion. É sua primeira mulher. Agora ela desaparece.”

Logo em seguida, ela viu um homem pequeno, magro, cabeça grande, parecendo ter 65 anos, morto recentemente.

“Ele pode lhe dizer o nome dele?

- Espere. Eu escuto Jean... Vinot... ou Finot; sim, é Jean Finot.

“- Jean Finot? Aquele que escreveu o prefácio dos Testemunhos Póstumos?

“- Sim, é ele, certamente.”

Ficamos todos muito surpresos, sobretudo a sra. Flammarion e seu marido. Estreitamente ligados por amizade com Jean Finot, o diretor da Revista Mondiale, eles ainda ignoravam sua morte, ocorrida na véspera. Ele foi enterrado no dia seguinte.

5 de maio. – Ela novamente viu Didier, mas não pôde dar as informações que lhe pediam sobre sua família e sobre seus filhos. Em seguida, ela declara ver, próximo a Sra. Flammarion, quadros e estátuas.

“Na sua família, diz ela, há artistas; há um pintor, seu pai, e um escultor,

seu irmão. A senhora não é italiana?

- Não, mas de origem italiana.

- É isso, do lado de sua mãe. Ela está aí. Ela parece ter 47 anos; é pequena, forte, com uma barriga grande; ela tinha um tumor. Ela tinha os cabelos negros com grandes tranças; lábios carnudos, pele bem morena, muito bela.

- Veja onde ela foi enterrada.

- Vejo colinas, árvores (após hesitação): não seria Meudon?

- Sim; o que você disse é bastante exato.

- Escuto o nome Paul; é seu irmão. Ele disse que morreu de uma doença no pulmão, não faz muito tempo.

- Sim, sua morte resultou da guerra; ele foi operado.

12 de maio. – “Eu vejo sua mãe novamente; ela me diz seu nome: Maria. Ela não está sozinha. Ela está com um homem de 30 a 35 anos: é seu irmão Paul. Ele era pintor. Ele é grande, moreno, olhos negros, cabelos apenas nas têmporas. Ele me diz: Gabrielle; é à senhora que ele se dirige. Vocês não conviviam muito. Ele me mostra um anel, uma aliança, mas ela não está unida. Ele me fala de seus negócios de família... (Aqui mudança de perguntas e de respostas sobre questões íntimas).

“Agora, vejo um homem de uns sessenta anos, barba branca, olhos azuis acinzentados; ele respira com dificuldade. Enfisema. Morreu em Paris, de uma angina pectoris. Escuto seu nome: Renaudot; é seu pai. Ele conheceu sua mãe na Itália; ela tinha 15 anos e ela lhe serviu de modelo.”

Apesar de toda a persistência, Albertine não pôde ver um fato muito importante em relação a esse dia na Itália: a sra. Renaudot serviu de modelo ao pintor Henri Régnault, para o célebre quadro: Salomé, que foi vendido por 500.000 francos e se encontra hoje na América. Nova prova da extrema dificuldade de transmitir o pensamento ao cérebro, mesmo que se trate de um sujeito muito sensível, como no caso presente.

Algumas reflexões acerca da faculdade da visão

É desconcertante constatar que um fato desse gênero, tão notório, e sobre o qual a sra. Flammarion pensava muito intensamente, não pôde ser percebido pela médium, enquanto outros fatos menos conhecidos, menos importantes e sobre os quais ela não pensava, vieram se objetivar da maneira mais espontânea e foram visualizados por Albertine.

Isso demonstra, de uma vez por todas, aquilo que nós tivemos oportunidade de dizer algumas vezes: na mesma medida em que os sujeitos hipnóticos e magnéticos são sensíveis à telepatia, os médiuns espíritas são insensíveis a essa ação, seja no estado de transe, seja no estado de vigília.

Seria fastidioso reproduzir aqui todos os processos verbais e relatórios relativos a essa forma de mediunidade; certo que fatos que temos relatados até o presente momento poderiam ser atribuídos, à rigor, a uma faculdade de clarividência do médium, embora, na verdade, a faculdade de tomar conhecimento de imagens contidas nos cérebros de outros que não o do vidente seja inconciliável com a teoria materialista.

O cérebro é um agente puramente receptor; ele não entra em relação com o mundo exterior senão pelos sentidos e pelos agentes físicos que acionam cada um desses sentidos. Daí, o ácido fosfórico contido na caixa craniana, e que não sai dela, está materialmente impossibilitado, por nenhum meio físico conhecido, de tomar conhecimento do que foi registrado por uma outra massa cerebral que não pode irradiar seus pensamentos para fora do organismo de outro modo que não pela via dos sentidos.

Mas, é diferente se a inteligência humana for capaz de tomar conhecimento diretamente do mundo exterior e de entrar em relação com outras inteligências até encarnadas, pois estas têm meios de comunicação hiperfísico que a ciência não conhece, mas que descobrirá precisamente ao estudar os casos de clarividência e de telepatia.

Qualquer que seja a extensão que se queira dar à criptestesia, apresento um caso onde ela certamente é inoperante.

O caso Clarinval

Em 17 de março de 1922 recebemos a seguinte carta:

“Cara senhora,

Não posso esquecer a maneira tão agradável que a senhora e seu marido me receberam numa noite de terça-feira. Também espero que os senhores me permitam ir a outra de suas reuniões com uma de minhas amigas; digam-me o dia que menos lhes atrapalhe; obrigada e perdão pelo incômodo que eu lhes causo e esteja certa, cara senhora, de minhas melhores lembranças.

Baronesa de Bournat

35, rua Théophile Gauthier”.

Essas duas damas vieram há apenas duas semanas; a sessão tinha começado já há uma meia hora e a médium estava em transe quando elas chegaram; elas se sentaram no fundo da sala. Albertine continua a incorporação, sem se dar conta da presença das recém-chegadas.

Quando a sessão terminou, uma hora e meia depois, ela desperta, mas ao invés de ter, como de costume, a visão de espíritos que ela acabou de incorporar, ela se volta para o lado das duas damas, sentadas lado à lado em um canto escuro, e pareceu muito surpresa de ver alguém num lugar anteriormente desocupado.

“Senhora, diz ela à desconhecida, eu escuto Marcel: é seu filho?

- Não, é meu genro.

- Vejo que ele morreu na guerra.

- Sim.

- Mas a senhora perdeu um outro filho na guerra; escuto René.

- Sim.

- 25 de maio de 1920.

- É a data em que soube onde ele estava.

- Agora, vejo um avião que plaina; ele cai aos seus pés; está completamente esvaçalhado. É seu filho que morreu em um combate de aviões.

- Sim, e o que surpreende é que nas sessões, ele jamais vem primeiro; é sempre Marcel que o precede; a senhora o vê?

- Não, ainda não...; (ao cabo de um momento): ah! agora, ele se forma

atrás da senhora; tem as mãos apoiadas sobre seus ombros”.

Ela faz uma descrição precisa e indica sua idade.

“Agora, acrescenta, ao lado dele eu vejo duas cabeças, como medalhas, não muito materializadas. A senhora deve ter enfrentado muita dificuldade para encontrar seu filho”.

A amiga da baronesa de Bournat nos diz, então, quem ela era: Sra. Clarinval. Seu filho René foi dado como desaparecido em 2 de setembro de 1916, depois de um combate de aviões. Em 25 de maio de 1920, encontrando-se à sua janela, a sra. Clarinval viu a figura de seu filho, muito pálido, aparecer em um bouquet de árvores da rua Ribéra, acompanhado de dois jovens soldados, um Russo e um Alemão.

Após essa visão perturbadora, a mãe fez pesquisas longas e difíceis e depois de tribulações inúmeras, acabou por descobrir em um cemitério alemão os despojos de seu filho enterrado entre um Russo e um Alemão.

Pode-se ler o relato detalhado dessa comovente história no 3º volume de “A Morte e seu Mistério”, de Camille Flammarion, página 313 e seguintes; para evitar aproximações fáceis aos nossos contraditores, acrescentaremos que essa obra apareceu em 18 de maio de 1922 e que a visão de Albertine se produziu em 28 de março do mesmo ano. Poder-se-ia, entretanto, objetar que a Revista Espírita tinha feito menção ao caso Clarinval em um número anterior a 28 de março; mas nós respondemos a essa objeção dizendo que Albertine não pôde conhecer esse fato pela Revista Espírita, que ela jamais leu e que, sobretudo, nem nessa Revista nem no livro de Flammarion ela poderia ter encontrado elementos que lhe permitissem dizer à senhora Clarinval que ela tinha um genro de nome Marcel.

É o primeiro nome que ela pronunciou ao despertar, atraída por uma voz ao lado das duas damas; ninguém entre nós conhecia a identidade da pessoa que acompanhava a baronesa de Bournat. Albertine já estava em transe quando elas entraram na sala; quando ela despertou, ela não soube, a princípio, devido à luz insuficiente, que era a baronesa que estava ali, mas mesmo que ela soubesse, isso não lhe teria dado nenhuma indicação sobre a identidade da outra dama.

Seria um caso de desmaterialização?

Que nos seja permitido esse pequeno petisco, relativo a um fato curioso que se passou na casa de Ct. Darget, em 22 de janeiro de 1921.

Um trinta pessoas se encontravam reunidas no salão, para assistir às experiências de Albertine; esta acabava de chegar e estava no meio do grupo, onde falava-se um pouco de tudo.

Ao cabo de um momento, a sra. Darget, muito emocionada, diz:

“Sra. Bourniquel, eu... eu não a vejo mais”.

E todos os assistentes, participando de sua emoção, se levantam de seus lugares; os mais próximos puderam perceber que, de fato, a figura da médium ficou totalmente invisível; apenas a gola decotada ficou visível.

Sr. Alloncins se aproxima e pede a médium para elevar a mão à altura da figura: a mão fica visível e a figura invisível. Ele tira um jornal de seu bolso e o aproxima da figura que, então, foi iluminada pelo reflexo do papel; ela volta a ficar invisível quando o papel é retirado.

Durante esse tempo, perfeitamente desperta, Albertine compreendia o que se passava ao redor dela, via os assistentes ansiosos e, para não prejudicar o fenômeno, ficou completamente imóvel.

Isso durou por volta de três minutos, de acordo com as pessoas mais próximas, mais especificamente a Sra. Dargel, Roy, Ducourreau, a srta. Jeanne Laplace, Sr. Alloncins etc...; depois, tudo volta ao normal. À que se pode atribuir isso que aconteceu?

A primeira explicação que se apresenta é a da desmaterialização parcial do corpo em estado de vigília; mas, nesse caso, os assistentes teriam visto os objetos localizados atrás da cabeça da médium; é isso que se produzia na desmaterialização dos membros inferiores da Sra. Espérance: o vestido dela repousava diretamente sobre a cadeira e a continuação das pernas tinha desaparecido completamente.

Aqui, nada semelhante; de resto, Sra. Roy, particularmente bem localizada para observar, e que não tinha perdido o sangue frio, fez algumas observações que nos levam a rejeitar esta primeira explicação.

Segundo ela, o desaparecimento do rosto não foi instantâneo, mas progressivo. Ela viu, a princípio, como um véu que cobria quase toda a figura, deixando visível apenas uma pequena parte. Esse véu se fez cada

vez mais espesso à medida que a superposição das camadas fluídicas iam se acumulando, até o momento em que ele esconde quase completamente a figura. “Isso produzia o efeito, disse a Sra. Roy, de um véu espesso”.

Diante dessa constatação formal, foi possível supor que esse curioso fenômeno teve como causa determinante a formação de um invólucro fluídico muito espesso que se colocou por meios de camadas sucessivas, no lugar desejado, opondo-se como uma barreira aos olhares.

Essa explicação, que nos parece aqui a mais lógica, não poderia se aplicar a todos os fatos da mesma ordem, para os quais se tem invocado a desmaterialização. **Fim**